

Ele dizia não

Ugo Giorgetti

O Estado de S.Paulo, 2.maio.2015

A única coisa imutável no Abujamra era a insistência em não aceitar as coisas como elas são

Logo cedo compreendeu que o palco tem um centro e que no centro do palco ficam os protagonistas. Sua incessante para primeiro ocupar e depois nunca deixar o centro do palco, onde quer que estivesse. Podia ao menor sinal de que o palco dos acontecimentos tinha se deslocado para a TV, se transferia para ela sem lhe oferecer o protagonismo que exigia, fazia shows sozinho, declamava poesia, emprestava sua voz para entrevistas, fazia cinema.

Nos conhecemos aí por volta de 1972 ou 73, fazendo um comercial para a antiga Telesp. Eu como diretor, motorista de taxi. Ficou encantado por eu o ter escolhido para fazer o papel de um motorista, tão distante francesa de que se orgulhava. Fazia parte de seu modo de ser surpreender e ser surpreendido. Como eu amigos.

Especialista do paradoxo, Antonio Abujamra parecia - e se declarava - sempre cansado, imóvel, cético. E toda a parte, movimentava-se de um veículo de comunicação para outro, inventava projetos e trabalhou terça-feira. Fomos sócios no TBC (Teatro Brasileiro de Comédia) de 1980 até 1983 mais ou menos. Ele, Georges Walford. Fracassamos, é claro, coisa que nunca o desgostava. Acariciava e acalentava seus fracassos acabavam se transformando em sucessos, principalmente aos olhos dos mais jovens, sempre prontos para vocação de dizer NÃO.

A única coisa imutável nele era a exatamente essa insistência em não aceitar as coisas como elas são. Curiosamente, criativo e insatisfeito era um homem do passado, de outros tempos. Os jovens, e todos que o respeitavam, atualíssimo, atuante, crítico, mas ele era, sobretudo, um dos últimos remanescentes de um mundo perdido. ele tinha frequentado, da França de Sartre, Camus, Jean Genet, Michel Foucault e Paul Veyne. Da França do Modernismo de São Paulo, do qual também era um dos últimos herdeiros. Não fazia apologia desse tempo, aparentava não dar importância a isso. Mas mantinha da época o que era essencial, atemporal, o que explicitamente qualquer geração reivindica: a vontade de derrubar o estabelecido e instaurar o novo. Esse espírito fazia se mantivesse exatamente no centro do palco, de onde se recusava a sair.

Não temia a contradição, que era uma de suas marcas. Colocava-se intransigentemente ao lado dos poetas tentava, ser um deles. Defensor radical dos marginais e deserdados, não era um deles. Cultor do fracasso, não hesitava em lutar neste mundo capitalista. Não havia nada de falso nessas contradições. mesmo.

Em algum momento deu-se conta de que representar é melhor do que dirigir.

Que tinha criado para si mesmo, personagem e era preciso utilizá-lo. Virou o ator que sempre tinha sido. O problema é que esse ator estava que devia representar. O único personagem de Abu, e eu o dirigi em três filmes, era ele mesmo. Ou o roteirista conta, ou flertava com o desastre. Ele não representava, ele era. E quando podia ser ele mesmo era magnífico.

Ultimamente tinha dado para se transformar no mestre venerável ou no patriarca sorridente. Não era sua mais quando encarnava o desiludido, o que sabia “que a vida era uma causa perdida”. Por mais de 30 anos ainda não sei nada dele. Sei que, por razões vagamente obscuras, gostava muito dele, e ele, talvez pelas mesmas pouco de mim. Abujamra, que amava tanto a poesia, que nos deixou Fernando Pessoa tão bem declamado dicção de mármore, pode ser, no entanto, que encontre sua definição mais precisa nos versos de Mario de artista despedaçado: “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta/Mas um dia afinal eu toparei comigo...”

UGO GIORGETTI É CINEASTA E COLUNISTA DO ESTADO